

CHANUKA

Se há um festividade no calendário hebraico que as crianças esperam com ansiedade acentuada é, sem dúvida, a Festa de Chanuká. Pelo menos, é o que acontece aqui no hemisfério norte. As famílias decoram suas casas, reúnem-se para a iluminação da chanukiá e distribuem presentes para seus filhos a cada noite da festa. Quem não gosta de receber tantos presentes?

No entanto, Chanuká não só traz consigo um agradável momento familiar e comunitário, mas também nos incita a perguntar sobre o significado do que estamos celebrando. Assim que começamos a indagar sobre os processos de Chanuká, vemos que, originalmente, trata-se da celebração da dedicação do Templo de Jerusalém e da celebração da vitória de um pequeno grupo que não se dispôs a mesclar sua própria cultura com qualquer outra cultura. O que celebramos quando um chega Chanuká? Ansiamos pela reconstrução do Terceiro Templo? Defendemos os princípios de um judaísmo que não se mistura nem está interessado nos ensinamentos que possam nos aproximar de outras tradições religiosas? O que um judeu conservador celebra em Chanuká em pleno século XXI?

Há pouco mais de cem anos, os primeiros pensadores do sionismo político também se depararam com as mesmas perguntas. Para eles, não se tratava do milagre do azeite ou de uma tradição sem influências externas. Na verdade, ele aventaram a necessidade de resgatar a festividade articulando sobre a centralidade da luta. Despojando-se de qualquer significado religioso, a releitura do sionismo nascente concentrou-se no feito macabeu. E sob este postulado eles afirmavam que o glorioso de Chanuká é a capacidade de alguns poucos assumirem uma forma pró-ativa de seu destino, lutando para alcançar os ideais de independência e autonomia em sua própria terra. "Um milagre aconteceu conosco" - declarou o poeta Aaron Zeev - "não encontramos uma desembocadura d'água, na pedra escavamos até verter sangue, e houve luz".

No entanto, na busca por um novo significado das narrativas clássicas da nossa tradição, esses pensadores deixaram de fora do relato muitas vezes a Deus. Com o propósito de maximizar a vontade do homem, negligenciaram a presença e a inspiração divinas. Cha-

nuká tornou-se o símbolo de uma celebração secular.

O que fazemos então? Pactuamos com o milagre divino do azeite, que nos remete a antigos anseios e esperanças do nosso povo para reconstruir o Templo? Ou nos desligamos do aspecto religioso da festa para reconhecer que, assim como os Macabeus, somos os arquitetos de um destino no qual Deus não tem qualquer envolvimento? O que nos corresponde fazer como judeus conservadores no século XXI?

Na minha opinião, não podemos aceitar qualquer das duas propostas mencionadas até agora. Podemos nos nutrir em cada um delas, mas é nossa responsabilidade voltar a resignificar a festividade para que nos apropriemos de seus sentidos e para que Chanuká manifeste os valores que compartilhamos como povo e tradição. Este é o nosso maior desafio: Sabedores de nossa história, ter a capacidade de reler os textos sob a perspectiva de um judaísmo que seja desafiador, autêntico e relevante.

Consequentemente, acredito que em Chanuká devemos recuperar a idéia de que cada um de nós nasce com a habilidade de se transformar no Templo, transformando-nos, através de nossas ações e decisões, em uma morada para a presença divina. Desta forma, nós recuperamos a centralidade do Beit Hamikdash como um símbolo daquilo que podemos chegar a ser e nos conectamos com a ideia de que este não depende da graça divina, mas da nossa própria vontade e livre arbítrio, reconhecendo que aquilo que não fizemos, ninguém fará por nós.

Ao acendermos os candelabros de Chanuká neste ano, lembremo-nos que, fiéis à nossa milenária tradição, não devemos ter medo de reformular, reinterpretar e reler as nossas tradições, pois é assim que recriamos o mundo, assumindo em nosso fazer a imagem e a semelhança do divino, que não por acaso começou a criação do universo sussurrando, "Iehi Or ... Haja luz".

Chag Sameach!

Rabbi Joshua Kullock
Comunidad Hebrea de Guadalajara
t @kullock



With support of the WZO.